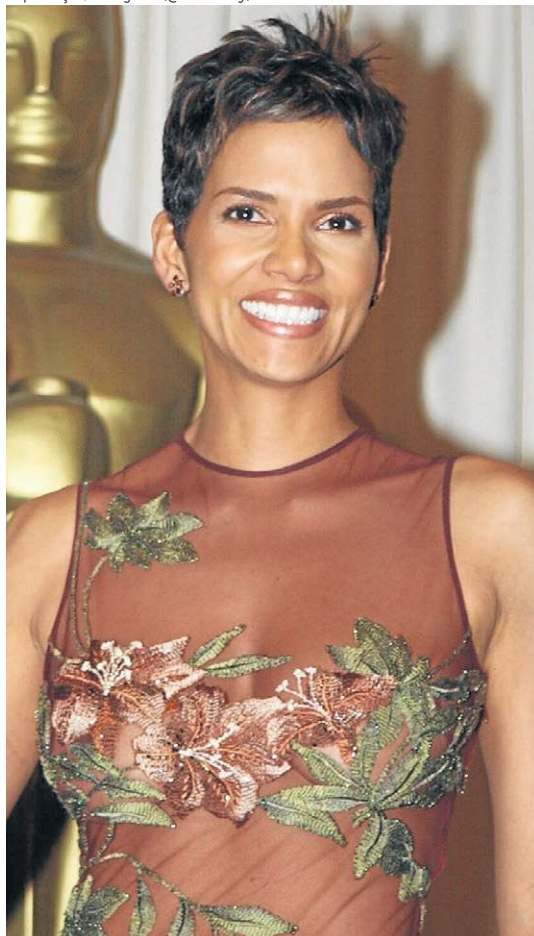


Reprodução/Instagram (@iamhalsey)



A cantora Halsey já é conhecida pela seu corte pixie

Reprodução/Instagram (@halleberry)



O corte da atriz Halle Berry é curto nas laterais e um pouco mais comprido no topo

Diogo reforça essa ideia: “É um corte que foge do padrão tradicional de cabelos longos e transmite confiança, modernidade e atitude. Muitas pessoas escolhem o pixie justamente por essa força de identidade que ele carrega”.

A força simbólica também aparece nas referências culturais que atravessaram gerações, como Audrey Hepburn, Mia Farrow, Rihanna, Halle Berry e Michelle Williams, todas conhecidas por versões marcantes do corte.

Quem pode?

Apesar de muitas pessoas associarem o pixie a um tipo específico de rosto, os especialistas garantem que o corte pode ser adaptado para praticamente qualquer pessoa. “Ele combina com todos os formatos de rosto, desde que o profissional tenha conhecimento sobre visagismo”, alerta Paulo. O visagismo considera proporções faciais, personalidade e estilo de vida para criar um corte harmonioso.

Segundo Diogo, alguns detalhes fazem a diferença. “É importante avaliar a linha da mandíbula, a testa, o volume do cabelo e ajustar franja, comprimento e camadas para valorizar cada tipo de rosto.” O tipo de fio também influencia o resultado. Em cabelos lisos, o corte evidencia as linhas e o desenho. Já nos ondulados e cacheados, o foco costuma ser a textura e o volume natural. Em fios crespos, o pixie pode valorizar a estrutura natural dos cachos.

A história de quem decidiu cortar

Para a assessora Andrea Braga, 53 anos, adotar o pixie cut foi uma mistura de memória, liberdade e identidade. Bailarina clássica, moderna e flamenca, ela sempre conviveu com a exigência de cabelos longos para coques. Mas o desejo de mudança vinha de longe. “Sempre gostei de variar cor, corte e estilo, sem muito apego ao comprimento”, conta.

A decisão amadureceu depois de pesquisar referências por semanas. “Consultei amigos com senso estético, procurei pessoas com biotipo parecido com o meu e vi um corte pixie no Instagram que achei deslumbrante.” Andrea também lembrou uma experiência da infância: “Tive um corte parecido quando tinha uns 12 anos. Lembrei que me sentia poderosa, como algumas divas da música, da moda e do cinema”.

A primeira tentativa, no entanto, não saiu como esperado. “Pedi um corte só na tesoura, mas usaram navalha. Acabei com um bob pixie que achei datado e nada a ver comigo”, conta. A frustração foi tanta que ela precisou esperar alguns meses para o cabelo crescer e ajustar o visual.

Mesmo assim, o episódio acabou viralizando nas redes sociais. O vídeo da transformação recebeu quase 130 mil visualizações e comentários de apoio. “Recebi

muitas dicas empáticas de como sobreviver a um corte indesejado, além de indicações de profissionais.”

A reação de parentes e amigos também foi essencial no processo. “Quando apareci para a família no Natal, recebi muitos elogios: ‘O corte te deixou tão jovial’, ‘Uau, você está mais linda do que nunca’. Ainda que, no meu íntimo, aquele não fosse ainda o corte certo, foi bom ouvir elogios”, conta ela. Com o tempo, Andrea encontrou o estilo que realmente queria: um French pixie, mais suave e sofisticado.

A experiência com o cabelo curto também trouxe mudanças inesperadas no cotidiano. “A relação com a temperatura mudou. Quando transpiro, a nuca fica molhada e não dá para esconder”, brinca. Mas o impacto mais profundo veio na forma de se perceber. “Quando dizem que cabelo comprido é como um manto, é verdade. Ele pode esconder o rosto. O curto, ao contrário, destaca tudo”, diz.

Segundo Andrea, o pixie acabou estimulando um novo olhar sobre si mesma. “Eu me observo mais no espelho. Estudo meu rosto, penso melhor em como me apresentar em público.” Ela conta que esse processo teve até efeito terapêutico durante um período difícil. “Estou vencendo uma depressão refratária. Voltar a me olhar no espelho e procurar minha melhor forma foi valioso.”

Prático, mas com cuidados

Apesar da fama de prático, o pixie cut exige alguns cuidados específicos. No dia a dia, a finalização faz diferença. Pomadas, ceras leves, mousses e sprays texturizadores ajudam a dar definição e movimento ao corte. “Para cabelos lisos ou escovados, sérums, pastas e pomadas são muito eficientes”, ensina Paulo.

A frequência no salão também é importante. Cortes muito curtos precisam ser ajustados regularmente. “Os pixies mais curtos exigem retorno mensal. Passou disso, o formato começa a se perder”, afirma o cabeleireiro.

Outro ponto atraente é a possibilidade de transformação constante. Mesmo com fios curtos, é possível mudar o visual com facilidade: levantar franjas, texturizar laterais, criar ondas ou apostar em acessórios. “O pixie permite ter sempre um cabelo diferente com pouco produto, pouco esforço e menos tempo”, diz Andrea. Para quem quer experimentar sem radicalizar, existem opções intermediárias. Um exemplo é o short bob, que mantém mais comprimento no topo e pode esconder partes raspadas.

Entre moda, identidade e liberdade, o pixie cut segue atravessando gerações. Para Andrea, experimentar o corte deveria ser quase um ritual de autoconhecimento. “Toda mulher deveria tentar um pixie pelo menos uma vez. É um processo de entender sua essência e perceber que o rosto pode ser o verdadeiro protagonista.”

***Estagiária sob supervisão de Sibele Negromonte**